



# VENEZUELA: COMPRAR, COMPRAR, COMPRAR!

Alta dos preços do petróleo, expansão do crédito e fé no futuro levam venezuelanos a um inédito furor consumista. Vendas batem recordes e há filas de espera nas concessionárias. Mas ninguém sabe quanto tempo durará a prosperidade

Por Gilberto Maringoni

**O** Toyota Corolla de quatro portas, cheirando a novo, arrasta-se por uma interminável fila tripla na avenida Libertador, próximo à praça Altamira, centro de Caracas. São quase seis da tarde de um dia chuvoso do mês de julho e o trânsito parou. Buzinas nervosas, luzes desfocadas pela água no vidro do veículo e a sensação de que a espera será longa completam o ambiente.

“No hay problema. És cada dia peor pero está todo bien...”

Quem fala é o motorista Jesús Menendez, um rapagão de 27 anos, dois filhos pequenos, morador de Petare, um imenso bairro popular da zona leste de Caracas. “Una favela”, completa ele. Jesús não reclama da vida, está tudo ótimo, diz, enquanto tenta esgueirar seu Corolla transformado em táxi pelas filas de carros, procurando não ralar a pintura. Falante, conta a razão de sua despreocupação. Pilotava um velho Peugeot batendo lata até o final de

2006 quando resolveu dar um grande passo: comprar um carro zero. Era algo impensável anos atrás.

O taxista conseguiu o que dezenas de milhares de venezuelanos estão fazendo desde 2004. Aproveitou-se da montanha de crédito disponível num país que cresce a taxas próximas a 10% ao ano, graças aos altos preços de seu principal produto de exportação, o petróleo. Com uma inflação de 19,5% ao ano e uma taxa de juros que alcança 15,5%, é muito barato tomar empréstimos no sistema financeiro local. Os juros apresentam taxa real negativa.

## Boom consumista

A combinação de crescimento econômico com facilidade de crédito criou uma verdadeira explosão no mercado interno. Para quem visita o país frequentemente, a prosperidade salta à vista. Os velhos carrões detoadados que se viam nas ruas há quatro ou cinco anos foram substituídos por uma frota tinindo de nova. Os res-

taurantes dos bairros de classe média e média alta estão lotados todos os dias, com longas filas de espera.

Nos primeiros cinco meses de 2007, as vendas no comércio aumentaram cerca de 39% em relação ao mesmo período do ano passado, atesta o Banco Central da Venezuela. O jornalista Victor Salomón, do *El Universal*, constatou, em 14 de agosto, que, “impedidos de comprar dólares e vendo que as taxas de juros não compensam aumentos de preços, os venezuelanos deixaram a poupança de lado para submergir em um boom de consumo que acelera as vendas em todas as modalidades de comércio”. A grande novidade é que o aquecimento do mercado se manifesta especialmente entre as camadas mais pobres da população. Em 2006, as camadas D e E compraram 22% mais que no ano anterior.

Os números, por setor, são expressivos na comparação entre 2006 e 2007. Roupas e artigos de vestuário

deram um salto de 102%. Automóveis alcançaram 71%. Ferramentas e artigos de pintura vendem agora 41% mais. No caso de produtos farmacêuticos e cosméticos o incremento anual chega a 35%. Alimentos deram um salto de 33%.

Luis Vicente León, diretor do Instituto Datanálisis, responsável por essas pesquisas, observa que “a população aumenta seu consumo quando tem mais dinheiro no bolso e suficiente confiança no futuro”. Tais sinais são impulsionados pela queda nos índices de desemprego e nos aumentos reais de salários observados nos últimos meses. No primeiro semestre, o salário mínimo teve um aumento real de 20%. León completa seu raciocínio apresentando um dado importante: 60% da população vê o país em termos favoráveis e 82% crê que sua situação vai melhorar.

O ânimo do empresariado não acompanha a vontade dos consumidores: 62% deles manifestam temores sobre o modelo político seguido pelo país. Tal índice pode se materializar em uma menor propensão a investir. O verbo no condicional tem razão de ser. Até agora ninguém perdeu dinheiro por apostar na economia que mais cresce no continente.

Se o componente psicológico não oferece entraves reais ao aumento da oferta, o controle de preços que o governo impôs a diversas mercadorias, em especial aos gêneros de primeira necessidade, tem inibido a produção de maneira sensível. Essa foi uma forma de tentar deter um processo inflacionário em curso. Como resultado, vários produtos, como carne,

leite, feijão e farinha, desapareceram das gôndolas dos supermercados.

A oposição esbraveja, denunciando um possível caos na economia. Os porta-vozes oficiais, por seu lado, argumentam que a escassez é fruto do aumento do consumo.

O governo tenta solucionar o problema com os instrumentos que tem à mão. Está importando gêneros aos borbotões, num aumento de 47% no primeiro trimestre deste ano.

#### **Petróleo e prosperidade**

A febre de consumo tem uma explicação óbvia. É a manutenção da pressão altista sobre os preços do petróleo, que coloca o preço do barril ao redor de US\$ 70, outro recorde

## **Carne, leite, feijão e farinha desapareceram das gôndolas. O governo tenta solucionar importando gêneros aos borbotões: aumento de 47% no primeiro trimestre deste ano**

histórico. É esse o fator principal a sustentar as altas taxas de popularidade do presidente Hugo Chávez. É também por meio da renda petrolífera que seu governo mantém uma série de programas sociais para a população de baixa renda e uma agressiva política externa que busca aliados por toda parte.

Quando Chávez foi eleito pela primeira vez, em dezembro de 1998, o barril do petróleo era cotado a US\$ 9. Seu primeiro gesto em política externa foi patrocinar uma reunião da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) em julho do ano seguinte, em Caracas. A associação, criada em 1960 e integrada, além da Venezuela, por Arábia Saudita, Argélia, Angola, Catar, Emirados Árabes,

Indonésia, Irã, Iraque, Kwait, Líbia e Nigéria, não vivia seus melhores momentos. As cotas de produção de cada país, mecanismo de regulação da oferta internacional, eram constantemente desrespeitadas por pressão dos países ricos.

Chávez não apenas conseguiu acordar a regulação das cotas, que conduziria a uma elevação dos preços, como emplacou um venezuelano, Ali Rodríguez, na secretaria-geral do órgão. No final de 1999 o barril chegava a US\$ 20.

Os preços ficariam ao redor dessa marca se não houvesse um aumento exponencial da demanda mundial a partir de 2001. A expansão global e a entrada da China como grande consumidora jogaram os preços para cima, numa situação em que não há descobertas de jazidas significativas.

Um dos grandes críticos do governo é o jornalista Teodoro Petkoff. Ex-

ministro do Planejamento do governo de Rafael Caldera (1994-1998), que impôs um duro plano de ajuste fiscal em meio a uma prolongada crise econômica, ele reconhece a bonança, mas pondera: “A alta dos preços se manifesta na economia através do gasto público”. Segundo ele, esse impulso se dá basicamente no setor terciário, comércio e finanças. “Não há dinamismo no setor produtivo, o que gera um crescimento disforme. Graças ao gasto público, há uma enorme expansão da demanda que aumenta brutalmente as importações.” Para o jornalista, o aumento da demanda não é suprido pela produção local. “No ano passado tivemos US\$ 36 bilhões em importação. Isso é agravado por uma política de

controle de câmbio que leva à sobrevalorização do bolívar”, a moeda local. A taxa de câmbio oficial, seguida pelo comércio, estabelece a relação de 2.150 bolívares por dólar há quase dois anos. Nas ruas de Caracas, a moeda dos EUA chega a alcançar 4.200 bolívares. Com isso as importações tornam-se extremamente baratas, o que inibe a produção local.

Com aumento da demanda e gargalos na oferta, opina o ex-ministro, isso se transforma em fator inflacionário, pois a oferta não acompanha a demanda. “Temos 19,5% de inflação anual, a mais alta do continente. Ao mesmo tempo, como há muito dinheiro na praça, as taxas de juros são baixas. É uma sensação de bonança tamanha que a venda de carros novos nunca foi tão alta. Economicamente, estamos melhor que nunca”, diz ele, para em seguida advertir: as distorções criam problemas mais adiante.

É uma aparente contradição. Hugo Chávez anuncia uma revolução socialista ao mesmo tempo que os banqueiros e importadores ganham muito dinheiro. O titular da Superintendencia Nacional de Bancos y Otras Instituciones Financieras (Sudeban), Trino Alcides Díaz, informou, em 19 de agosto, que o rendimento anual dos bancos está acima de 30% e que os ativos bancários valorizaram-se cerca de 60% em relação ao ano passado.

#### **A fúria edificadora**

Apesar do verbo inflamado, Chávez tem se mostrado cauteloso no terreno econômico. Após sofrer uma tentativa de golpe de Estado, em 2002, e um locaute de dois meses,

que paralisou a economia no início do ano seguinte, a Venezuela viu seu Produto Interno Bruto despen-car 17% em 2003. Segundo Jorge Giordani, ministro do Planejamento, nos três primeiros anos do governo Chávez, cerca de 32 bilhões de dólares saíram do país. Para recuperar o controle da situação, o governo jogou pesado. Impôs um rígido controle de câmbio, que funcionou como barreira para a saída de capitais. O crescimento da economia mundial e o aumento do preço do petróleo fizeram a outra parte no processo de recuperação.

Há pelo menos 50 anos a Venezuela busca diversificar sua economia. Tentou instalar um complexo

## **Em cada esquina do centro há uma sensação de cenários futuristas e opressivos de Blade Runner. Há uma prosperidade com marcas vivas de uma decadência anterior**

siderúrgico estatal no estado Bolívar, no centro do país, como forma de incentivar uma indústria automobilística. Algumas montadoras vieram, animadas pelo ciclo altista do petróleo, entre os anos 1970 e 1980. Mas as tentativas de industrialização não tiveram muito fôlego. Com petrodólares inundando a economia, sempre foi mais vantajoso importar produtos industrializados do que incentivar a fabricação nacional.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano viveu por alguns meses na Venezuela no início dos anos 1980. Ele conta que, logo em seus primeiros dias, foi a um supermercado e dirigiu-se ao setor de bebidas. Encontrou as principais marcas de uísque escocês. Logo adiante, uma gôndola

repleta de pequenos sacos de água o deixou intrigado. “O que é isso?”, perguntou a um atendente. “Ah, é água francesa para fazer gelo para os uísques importados ali ao lado.”

#### **A passo lento**

Com a queda dos preços do petróleo, a partir de 1983, a manutenção dos edifícios e das ruas e os serviços como iluminação pública e recolhimento de lixo se degradaram paulatinamente. Uma sensação de adentrar os cenários futuristas e opressivos do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott, toma conta do visitante de primeira viagem. Há uma prosperidade com marcas vivas de uma decadência anterior em cada esquina do centro da capital.

O Toyota Corolla de Jesús Menendez avançou sete quadras em pouco mais de 20 minutos. Ele já se acostumou com o engarrafamento e com as obras que compli-

cam o trânsito. Bom de conversa, segue tranquilo ao volante de seu táxi. Chegará em casa meio tarde, mas a tempo de brincar com as crianças antes de dormirem. Quer agora comprar uma TV de plasma para ver desenhos com a garotada. Como milhões de venezuelanos, tem a sensação de que pode seguir consumindo e que a vida vai melhorar. O problema é que, numa economia globalizada, nem sempre a prosperidade pode ser alicerçada apenas em bons ventos internos. ▽

*Gilberto Maringoni é jornalista, historiador e autor de A Venezuela que se inventa – Poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez (Editora Função Perseu Abramo, 2004).*